

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUANA KAROLINA MEIRA DOS SANTOS

**MILITÂNCIA POLÍTICA-RELIGIOSA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO:
PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR E AS PERSPECTIVAS NOS
SENTIMENTOS E DISCURSOS POLÍTICOS E DOCTRINÁRIOS NA IGREJA
CATÓLICA.**

CURITIBA

2017

LUANA KAROLINA MEIRA DOS SANTOS

**MILITÂNCIA POLÍTICA-RELIGIOSA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO:
PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR E AS PERSPECTIVAS NOS
SENTIMENTOS E DISCURSOS POLÍTICOS E DOCTRINÁRIOS NA IGREJA
CATÓLICA.**

Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica como requisito para a conclusão do Curso de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientador responsável: Profº. Drº. José Roberto Braga Portella.

CURITIBA

2017

“Os direitos humanos são violados não só pelo terrorismo, a repressão, os assassinatos, mas também pela existência de extrema pobreza e estruturas econômicas injustas, que originam as grandes desigualdades.”

- Papa Francisco.

À minha mãe Luzinete, que primeiro me ensinou o que é o amor.

Ao meu pai Luiz, que me ensinou que é possível escolher quem amar.

Às minhas irmãs Lumara e Luriani, que me ensinaram que não existe só uma forma de amar.

E ao meu marido Luiz Paulo Ribeiro, que me ensinou que a amizade, o companheirismo e a fé são as formas mais puras e verdadeiras de construir o amor.

AGRADECIMENTOS

Pedras no caminho só incomodam se não tivermos quem nos ajude a juntá-las. Seria injustiça da minha parte não evidenciar aqui tudo e todos que de alguma forma de ajudaram a chegar ao fim desta etapa.

Primeiramente eu agradeço a Deus, meu guia e fornecedor de toda a fé e coragem – ou até mesmo a falta dela. Fez-me, através de Jesus Cristo, enxergar um mundo que sofre e que necessita de amor, que me ensinou a partir da parábola de Lázaro e o Rico que o contrário do amor não é o desamor, mas sim a indiferença e que não podemos fechar nossos olhos para as injustiças. Agradeço a Comunidade São Miguel Arcanjo em Pinhais, aos grupos de jovens e adolescentes AUC e JUC, aos retiros Encontro com Deus e Jesus te Chama que me ensinaram a se doar completamente de coração à causa que Cristo nos chama. Ao Treinamento de Liderança Cristã – TLC, que me mostrou que não basta ter fé se você não a aprimora, busca conhecer mais sobre a Bíblia e utiliza sua melhor versão para ajudar quem precisa. Nesse meio, agradeço ao Heder, amigo militante que primeiro me instigou e me mostrou que se pode ser católico, ser de esquerda e defender o que mais se ama, se acredita.

À minha família. Minha mãe Luzinete, que me ensinou que ser mulher, negra e solteira e querer ter um filho é para quem tem coragem, me mostrou que a força a gente conquista aos poucos e o amor sempre irá nos unir. Meu pai, Luiz, que escolheu ser meu pai e nunca desistiu de acreditar que eu poderia fazer o melhor da minha vida, me ensinou a me valorizar e, principalmente, em colocar a família em primeiro lugar. Minhas irmãs Lumara e Luriani, as mulheres da minha vida, me mostram todos os dias que não importa o caminho que se escolha seguir, estar lado a lado com pessoas companheiras e que possam nos ajudar a sermos melhores sempre vale muito mais que qualquer outra conquista no mundo. Meus avós Luiz, Maria, Inez (in memoriam) e Arnaldo (in memoriam), por todo amor mais puro e singelo que eu já pude experimentar, pelas experiências e vitórias. Meus tios Luciano, Cassiano e Carlos Eduardo e tias Dani e Mirian, por me defenderem desde pequena e serem pilares na construção no meu eu. Meus primos Marcelo, Juninho,

Arthur, Gabriel e Henrique, que mostraram que podemos sentir amor e proteger quem amamos muito mais do que imaginamos.

Ao meu marido, companheiro e melhor amigo, Luiz Paulo Ribeiro. Todas as palavras do mundo serão poucas perto do amor e da gratidão que eu sinto. Obrigada por aturar os meus surtos, por ter brigado quando preciso para que eu não desistisse, por acreditar em mim mesmo quando nem eu mesma acreditei e por ser a minha família e somar os seus sonhos aos meus.

Ao Departamento de História da UFPR, por me mostrarem as mais diversas possibilidades de ver e interpretar o mundo. À Prof.^a Dr.^a Karina Bellotti, por ter me inserido nos estudos de religião e me ajudado com livros e experiências. Ao Prof.^o Dr.^o José Roberto Braga Portella, por toda ajuda e confiança, pois sem isso eu não teria conseguido terminar esse trabalho, agradeço pela paciência e por não ter desistido.

À Karyna, minha melhor amiga e irmã desde sempre, por ser a luz do meu caminho nesses 20 e poucos anos que caminhamos juntas. Não existe um futuro que eu não imagine você do meu lado. Estaremos sempre aplaudindo as vitórias e nos apoiando nas derrotas.

À Gabi, Giovanna, Raul, Luanna e Vinicius, por serem as melhores surpresas que essa faculdade me proporcionou. Obrigada pela força, pelas cervejas, pelas lágrimas, e principalmente por serem exatamente como são, pessoas raras, lindas e que merecem só o que há de melhor. Nenhuma distância nos impedirá de torcer uns pelos outros.

À Ana, Aninha minha! Amiga linda, cheia de luz, que só sabe passar o bem, dedicada, inteligente, transpira amor! Obrigada por todas as palavras que me ajudaram a não desistir e por mesmo de longe estar presente na minha vida.

Aos meus alunos, minhas preciosidades do Centro de Educação Joao Paulo II, em Piraquara, por serem a missão do meu coração, por me fazerem acreditar cada dia mais no poder libertário da educação.

À Paula, por ser uma surpresa maravilhosa na minha vida, pela parceria, conselhos, pelos acessos de raiva, e principalmente por ser como é! Agradeço a você e a Bruna e a Dani por serem as parceiras de trabalho e de vida que deixam meus dias mais leves e por serem capazes de me ajudar a enxergar o lado bom das coisas.

Por fim, agradeço à História e seu papel na minha vida, e ao parafrasear Peter Burke, agradeço à História pela função de lembrar a toda a sociedade aquilo que muitas vezes ela quer esquecer.

RESUMO

Nosso principal objetivo foi analisar o processo de construção e instauração das Comunidades Eclesiais de Base - CEBs e da Teologia da Libertação - TL no Brasil a partir da década de 1950, assim como o desenvolvimento da esquerda católica nos movimentos de jovens. Sendo assim, e devido ao interesse de caráter político e religioso, a Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP foi selecionada como objeto de estudo, e o material produzido por ela como fontes. A partir do referencial teórico que inclui Sérgio da Mata e seu conceito de história das religiões e o Mairon Escorsi Valério que problematiza a TL e as origens do movimento no interior da Igreja Católica assim como a construção dos pares assimétricos de igreja popular e igreja oficial, foi fomentada a discussão do papel da política na forma de viver a religiosidade e de como a forma como o jovem milita dentro da Igreja depende da sua postura política, e quais são os sentimentos envolvidos da dicotomia da postura política e da postura doutrinária. Foram utilizadas bibliografias de teólogos, sociólogos e filósofos para construir o caminho da esquerda católica no Brasil.

Palavras-Chave: Pastoral da Juventude; Teologia da Libertação; Esquerda Católica.

LISTA DE ABREVIATURAS

CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
PJMP	Pastoral da Juventude do Meio Popular
TL	Teologia da Libertação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E SUAS BASES IDEOLÓGICAS	17
1.1 O CONSELHO EPISCOPAL LATINOAMERICANO E O FOMENTO DA TL.....	19
1.2 A PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR – PJMP.....	25
2. A PJMP NO BRASIL: ONTEM E HOJE.....	28
2.1 A PJMP, SUA IDENTIDADE E SEUS OBJETIVOS.....	29
3. A DISCUSSÃO É NOVA OU REPRODUZ O TRADICIONAL?	35
4. A POSTURA POLÍTICA <i>VERSUS</i> A DIFERENÇA DOUTRINÁRIA	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

INTRODUÇÃO

Religião se discute. Política também. Os dois temas juntos? Por que não?

Ao ingressar no curso de história da UFPR me deparei com discussões sobre religião e isso me despertou o interesse para estudar sobre. Venho da prática católica e sempre tive uma identificação com os ideais de esquerda, e ao observar colegas meus de pastoral e suas preferencias políticas, me questionei se em algum momento nossa religião influenciava nas nossas formas de pensar a política ou ainda, se era possível viver a religiosidade de formas diferentes que dependesse das práticas políticas.

O fascínio inicial por essa pesquisa surgiu ao entrar em contato com a disciplina de Religiosidades, ofertada pela Prof. Dr. Karina Bellotti – que foi quem primeiro me inseriu nas discussões sobre o tema. Como sou Católica e participei de grupos de jovens, pude perceber em vários âmbitos a presença da discussão política e de como a forma como o jovem milita dentro da Igreja depende da sua postura política. Num primeiro momento, buscava o antagonismo entre direita e esquerda nos movimentos jovens, e numa mudança de foco, decidi, com o apoio do Prof.º Dr.º José Roberto Braga Portella, encaminhar minha pesquisa para uma análise da esquerda católica, o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base e a influência da Teologia da Libertação no desenvolvimento da Pastoral da Juventude do Meio Popular.

Mas como alguém que é religioso pode estudar a religião tendo uma visão de historiador? Ao pesquisarmos religião a partir de um olhar historiográfico, o cuidado com o discurso sobre as crenças deve permear a análise. Para o historiador Sérgio da Mota “os resultados a que chega o historiador da religião deverão ser reconhecidos como válidos tanto para crentes quanto por descrentes”, ou seja, ao abordar como tema a religião, a historiografia não pode ser religiosa, apesar de estar inserida na mentalidade do discurso das crenças. Apesar dos movimentos

sociais, a política na religião e as Comunidades Eclesiais de Base serem temas pertinentes no âmbito historiográfico, quando essas temáticas se mesclam com juventude e de como esses sentimentos se manifestam, a escassez de bibliografia é notável, sendo assim mais um motivo para estudar e analisar as ligações entre os assuntos. A partir da leitura do filósofo Faustino Luiz Couto Teixeira sobre as comunidades de base católicas, podemos observar que a discussão sobre o papel da Igreja na sociedade, nos debates políticos e no poder de transformação social, principalmente na América Latina chagada pelas ditaduras, foi tão pertinente naquela época, quanto atualmente.

O trabalho monográfico foi dividido em quatro capítulos. O primeiro com a intenção de contextualizar e introduzir o objeto de pesquisa e as fontes. O segundo foca na Pastoral da Juventude do Meio Popular, nas suas bases e influencias. Os terceiro e quarto tentam analisar as discussões no interior da PJMP e se elas mudam ao longo do tempo e se há diferenças nas posturas políticas e doutrinárias.

No primeiro capítulo, o nosso objetivo é apresentar um panorama dos movimentos sociais no interior do catolicismo e introduzir a nossa fonte: a Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP. Entre as décadas de 1950 e 1960, a Igreja Católica viveu um período de mudanças, principalmente com o surgimento da Teologia da Libertação na América Latina, difundida inicialmente pelo padre peruano Gustavo Gutiérrez e disseminada no Brasil pelo teólogo catarinense Leonardo Boff. A Teologia da Libertação surgiu com o propósito de voltar os olhares do catolicismo para a pobreza, desigualdades sociais e na luta pela justiça no interior das comunidades cristãs, procurando se distanciar da hierarquia vertical institucional da Igreja, buscando romper o catolicismo tradicional, de acordo com a própria representação disseminada pelo movimento.

Para além de um acontecimento social, a Teologia da Libertação tornou-se um acontecimento institucional, trazendo mudanças para a hierarquia católica. Há certa dificuldade em encontrar literatura historiográfica sobre a TL, pois a maioria do que foi escrito tem como base a narrativa militante escrita pelos teólogos da libertação, porém é importante reconhecer esses autores para entender como esses

movimentos influenciaram as organizações sociais no Brasil e na América Latina. Para Max Weber, a relação entre a teologia e a história das religiões é essencial para a construção do pensamento, pois trás perspectivas do interior e do exterior da Igreja Católica, como é o caso dessa pesquisa. Para compreender a Teologia da Libertação e o seu surgimento, é importante lembrar-se do apoio recebido pelas instâncias episcopais presentes nos encontros do CELAM – Conselho Episcopal Latinoamericano . Tais instâncias externavam uma preocupação com o social e, de acordo com o historiador Mairon Escorsi Valério, a influência de bispos e teólogos nesse processo atribui um caráter hierárquico no surgimento da TL, afirmando que apesar de voltar o seu olhar para os pobres, o movimento nasceu no centro da Igreja Católica, ao contrário do catolicismo de libertação, por exemplo, o que não significa que houve participação expressiva do alto escalão da Igreja. Para o professor e teólogo Paulo Fernando Carneiro de Andrade, a doutrina social aplicada pela Igreja há mais de trinta anos e condenada nos artigos de Boff e Ortiz não teve sua morte decretada. Muito pelo contrário. Tanto a doutrina social, a teologia de um modo geral, os acontecimentos do Leste Europeu após a década de 1980 – o fim do chamado “socialismo real”, quanto à intensa globalização fizeram com que a doutrina social fosse readaptada às novas formas de vida.

O crescimento no número de adeptos ao catolicismo por toda a América Latina não foi o único motivo da Teologia da Libertação ter reunido tantas pessoas e instancias entorno desse movimento. Governos ditatoriais se espalharam pelos países latino-americanos, assim como as dificuldades socioeconômicas, abrindo espaço para a difusão de ideologias que valorizassem a luta do povo por justiça, igualdade e dignidade. Dois momentos da história foram essenciais para o fortalecimento da ideologia da TL na Igreja Católica: o Concílio Vaticano II e, pensando no Brasil, o golpe militar de 1964. Neste conflituoso cenário brasileiro, surge por volta dos anos de 1960 as Comunidades Eclesiais de Base, conhecidas como CEBs, com a intenção de suprir uma esfera da Igreja Católica que necessitava de mudanças na forma de evangelização. Para o sociólogo Ivo Lesbaupin, a ideia de formar pequenas comunidades para ler e interpretar a Bíblia e que não dependesse de uma figura de autoridade, como um padre, trás autonomia para os fiéis e transformação no modo de vida, tornando-os ativos socialmente e ganhando

destaque dentre as formas organizacionais na Igreja Católica. Inserir o leigo em um local valorizado de discussões, o que de acordo com Lesbaupin baseia-se no processo educativo proposto por Paulo Freire onde o sujeito é peça fundamental na construção da sua própria educação, auxilia no desenvolvimento da consciência crítica, acarretando em uma percepção sobre os problemas que enfrentam, sejam sociais ou políticos, e transformando essa consciência em possibilidade de mobilização social.

Nosso objeto de pesquisa, a Pastoral da Juventude do Meio Popular surge nesse contexto de regime ditatorial, fomento das CEBs e da Teologia da Libertação. Nascida em Recife, Pernambuco em 1978, seus primeiros integrantes são remanescentes na Juventude Operária Católica e afirmam seguir o cenário nacional de mudanças, inclusive eclesiais, de luta contra o capitalismo e a ditadura militar, e que, de acordo com os fundadores da PJMP, através do Conselho Episcopal Latinoamericano – CELAM trouxe para a Igreja Católica uma visão voltada para os direitos humanos.

No segundo capítulo, o objetivo é focar na Pastoral da Juventude do Meio Popular e em como foi o seu processo de instauração no Brasil, quais são suas bases e influencias, e para isso utilizamos como fontes os relatórios de assembleias, simpósios, matérias de divulgação da pastoral, tanto os antigos, quanto os mais atuais, disponíveis no website da PJMP. O escritor Frei Betto debate no livro “Igreja – Movimentos Populares – Política no Brasil” apresenta como popularização das CEBs como movimento do povo devido ao caráter religioso, retardando assim os olhares dos órgãos repressivos ditatoriais. Para Frei Betto, os movimentos populares com caráter religioso carregavam diversas modalidades: de reivindicação, de resistência, de denúncia e de solidariedade. Era visível para o autor que durante todo o desenvolvimento desses grupos, militantes de esquerda buscavam nas CEBs um local para atuar, anulando um caráter exclusivamente originário na pastoral, o que se complementou mais tarde com a Teologia da Libertação, uma teologia voltada para as práticas sociais, com as bases teóricas elaboradas por teólogos e pensadores e que nasceu no interior da Igreja e foi se expandido para as margens. O documento que narra o nascimento da PJMP no Brasil e que será abordado ao

longo da monografia possui as características provenientes das CEBs e da TL. Através do 1º Encontro de Animadores de Jovens do Meio Popular, Recife em 1978, os fiéis buscavam a criação de um grupo capaz de trazer a união, aliada à aplicação de um método capaz de auxiliar o jovem a transformar o meio que vive, mas que não se descuidasse da história da salvação proposta pela evangelização:

A preocupação com os jovens das classes exploradas transformou a PJMP em um ambiente de acolhimento das pessoas tanto do campo, quanto da cidade. Tendo como objetivo principal "evangelizar os jovens da classe popular no meio em que eles vivem e atuam, anunciando a Pessoa e o Projeto de Jesus Cristo Libertador com vista a uma prática libertadora na igreja, na sociedade, na família e em todos os momentos de sua vida.". Com objetivos claros de buscar através de um trabalho de base conscientizar os jovens explorados pelo sistema capitalista, o próprio histórico da PJMP assume a influência que tiveram da Teologia da Libertação e das ciências sociais. O anseio dos jovens em se organizarem não era algo isolado ou fenômeno somente da Igreja Católica entre os anos 1970 e 1980, pois os movimentos de massa, principalmente nas camadas mais populares eram parte do cenário político e social da nação.

No terceiro capítulo o objetivo é aprofundar a análise sobre aquilo que foi produzido pela PJMP, buscando problematizar os discursos de antes e atuais para entender se há diferenças de discursos ou é somente uma reprodução daquilo que era no seu início, assim como se há mudanças de quem escreve o material, de quem participa.

Na quarto e último capítulo a proposta é problematizar a PJMP num sentido amplo no interior do catolicismo, buscando identificar se em relação às doutrinas católicas são iguais a outros grupos católicos de mesma confissão, mas que podem ser de posturas políticas diferentes. Para isso, recorreremos ao teólogo e filósofo alemão Rudolf Otto, que observa o contraste entre os elementos racionais e não racionais no universo religioso.

Dentre as religiões, Rudolf Otto destaca o cristianismo como a detentora de uma numinosidade maior que outras manifestações religiosas, principalmente

devido ao diálogo do racional e do não-racional e da necessidade de reconciliação e remissão dos pecados para manter o bom relacionamento com o sagrado. Mas de que forma e até que ponto devemos separar totalmente o racional do emocional? Esse questionamento torna-se necessário, pois a religião deve ser compreendida por si mesma, e em muitos casos, é a única manifestação de realidade do crente, tornando aquilo que aparentemente seria somente sentimento, em racionalidade. O não-racional no religioso não deve tirar a credibilidade e nem desaparecer com o racional nessas manifestações. No caso da Pastoral da Juventude do Meio Popular, dentre os diversos artigos e textos de opinião publicados no site, por mais que haja um apelo ao sentimento, muitos utilizam da racionalidade, filósofos, escritos renomados para pautar suas falas e justificar seus argumentos. E, nesse processo que Otto nomeia como evolutivo, não há apropriação de um pelo outro, há sim substituição de um pelo outro ou adequação de um ao outro – num equilíbrio, ligados, mas não associados.

1. A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E SUAS BASES IDEOLÓGICAS

“É graça divina começar bem. Graça maior persistir na caminhada certa.

Mas graça das graças é não desistir nunca.”

Dom Hélder

Câmara

Entre as décadas de 1950 e 1960, a Igreja Católica viveu um período de mudanças, principalmente com o surgimento da Teologia da Libertação na América Latina, difundida inicialmente pelo padre peruano Gustavo Gutiérrez e disseminada no Brasil pelo teólogo catarinense Leonardo Boff. Não só a Igreja Católica passava por mudanças, a América Latina sofria as consequências dos governos populistas, do crescente pensamento nacionalista e as mudanças econômicas desencadeavam movimentos de massa preocupados em mudar a situação, ao mesmo tempo em que as ditaduras buscavam formas de reprimir esses movimentos. O povo latinoamericano suplicava por figuras capazes de representá-los e que fossem agentes da libertação, então nesse momento no contexto da revolução socialista em Cuba surgem figuras como Che Guevara e Fidel Castro, símbolos da libertação pelo mundo. A busca por figuras e espaços que pudessem sanar a vontade das pessoas de serem defendidas e representadas englobou a política e as religiões, emergindo assim as comunidades de base e os grupos sociais católicos na juventude que abrangiam os universitários, os operários e os camponeses. Nesse contexto, a Teologia da Libertação surgiu com o propósito de voltar os olhares do catolicismo para a pobreza, desigualdades sociais e na luta pela justiça no interior das comunidades cristãs, procurando se distanciar da hierarquia vertical institucional da Igreja, buscando romper o catolicismo tradicional, de acordo com a própria representação disseminada pelo movimento. Por se tratar de um movimento voltado para as necessidades básicas latino-americanas, a teologia da libertação surgiu num processo característico da década de 1960, de formação da religiosidade de esquerda no interior da Igreja Católica. Porém, essa aproximação com a esquerda

fez com que vertentes contrárias atribuisse ao movimento tendências marxistas, culminando, em meados de 1980, num refutação por parte das lideranças da Igreja Católica¹.

Para além de um acontecimento social, a Teologia da Libertação tornou-se um acontecimento institucional, trazendo mudanças para a hierarquia católica. Há certa dificuldade em encontrar literatura historiográfica sobre a TL, pois a maioria do que foi escrito tem como base a narrativa militante escrita pelos teólogos da libertação, porém é importante reconhecer esses autores para entender como esses movimentos influenciaram as organizações sociais no Brasil e na América Latina, afinal o momento histórico que o mundo vivia propiciava a fermentação dos pensamentos e teorias cada vez mais voltadas para o social, independente de acontecerem dentro ou fora das instituições religiosas. Para Max Weber, a relação entre a teologia e a história das religiões é essencial para a construção do pensamento, pois traz perspectivas do interior e do exterior da Igreja Católica, como é o caso dessa pesquisa. Weber utiliza a religião muitas vezes como norteador das suas análises da sociedade, pois para o pensador, a religião é peça chave nas mudanças sociais, não somente através da essência de cada religiosidade, mas através também das doutrinas propostas por elas. A possibilidade da ampliação da visão de mundo proposta por Weber coloca as religiões universais, em disputa com o movimento de secularização, como base organizadora da sociedade, inclusive do pensamento político, moldando, mesmo nas comunidades atuais e secularizadas, valores que carregam um histórico pautado nas instituições religiosas mais tradicionais. Para compreender a Teologia da Libertação e o seu surgimento, é importante lembrar-se do apoio recebido pelas instâncias episcopais presentes nos encontros do CELAM – Conselho Episcopal Latinoamericano² em Petrópolis, Rio de Janeiro, no ano de 1964, que de acordo com os irmãos e estudiosos da área Leonardo e Clódovis Boff, foi o momento que Gustavo Gutiérrez apresentava como reflexão crítica da práxis a teologia. Os bispos reunidos no CELAM buscavam se

¹ VALÉRIO, Mairon Escorsi. *A teologia da libertação e a reinvenção religiosa da América Latina*. In: RELIGIÃO & Cultura: temáticas de história cultural das religiões / Organizado por Antonio Paulo Benatte e José Adilçom Campigoto. Guarapuava: Unicentro, 2013. P 147.

² Id. Ibid., p. 151.

apoiar nas mudanças sugeridas para a Igreja Católica no Concílio Vaticano II, propondo uma Igreja com mais engajamento social. Tais instâncias externavam uma preocupação com o social e, de acordo com o historiador Mairon Escorsi Valério, a influência de bispos e teólogos nesse processo atribui um caráter hierárquico no surgimento da TL, afirmando que apesar de voltar o seu olhar para os pobres, o movimento nasceu no centro da Igreja Católica, ao contrário do catolicismo de libertação, por exemplo. A inspiração vinha das bases, mas a construção iniciou-se no centro da instituição, agregando um cunho intelectual ao nascimento da Teologia da Libertação. Porém, isso não significa que houve necessariamente a participação expressiva do alto escalão da Igreja. Para o professor e teólogo Paulo Fernando Carneiro de Andrade, a doutrina social aplicada pela Igreja há mais de trinta anos e condenada nos artigos de Boff e Ortiz não teve sua morte decretada. Muito pelo contrário. Tanto a doutrina social, a teologia de um modo geral, os acontecimentos do Leste Europeu após a década de 1980 – o fim do chamado “socialismo real”, quanto à intensa globalização fizeram com que a doutrina social fosse readaptada às novas formas de vida.

1.1 O CONSELHO EPISCOPAL LATINOAMERICANO E O FOMENTO DA TL

As ideias fomentadas e discutidas no primeiro Conselho Episcopal Latinoamericano foram estruturadas e ganharam caráter mais voltado aos países subdesenvolvidos quatro anos mais tarde no II CELAM em Medellín, no Chile, conflitando com preceitos discutidos no Concílio Vaticano II. Para o teólogo Euler Renato Westphal, o Concílio Vaticano II, apesar de trazer mudanças para a forma como a Igreja Católica conduzia sua forma de atuar, ainda se voltava para um comportamento mais desenvolvimentista, atenuando os embates sociais e ainda muito preso aos interesses eclesiais. A conferência de Medellín busca justamente o contrário, pois toma ciência de que o mundo está vivendo uma explosão de revoluções e que a Igreja por estar nesse mundo, deve se aproximar cada vez mais dele, por ser um reflexo da realidade. A diretriz básica da forma de viver o catolicismo estava se modificando e depositando a prioridade na necessidade dos

pobres. As teorias marxistas e weberianas se mesclavam ao religioso, preocupando tanto a hierarquia da Igreja Católica, quanto os militares, devido à aproximação com ideais considerados comunistas. Para Max Weber, é possível entender a relação entre ideologias tão diferentes através do conceito de afinidade eletiva proposta em “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, afirmando que

[...] Procederemos tão só de modo a examinar de perto se, em quais pontos, podemos reconhecer “afinidades eletivas” entre certas formas da fé religiosa e certas formas da ética profissional. Por esse meio de uma vez só serão elucidados, na medida do possível, o modo e a *direção* geral, do efeito que, em virtude de tais afinidades eletivas, o movimento religioso exerceu sobre o desenvolvimento da cultura material.³

Se observarmos o conceito de afinidade eletiva de Weber, podemos afirmar que os religiosos da Teologia da Libertação utilizarem preceitos marxistas, não necessariamente significa que toda a teoria de Karl Marx é apropriada pelo movimento, sendo assim possível a noção de que mentalidades e ações que parecem díspares podem se conectar direta ou indiretamente. Se Max Weber cria o conceito de afinidade eletiva, Michael Lowi a desenvolve ao analisar as complexidades que envolvem as relações da Teologia da Libertação e os embates políticos. Essas relações resultam numa nova interpretação: elucidar a história da salvação dos povos através do viés da prática política culmina na teologia política, que para Gustavo Gutiérrez, apesar de nascer entre a burguesia, consegue se notar relações com os tópicos predominantes na Teologia da Libertação.

A própria expressão Teologia da Libertação carrega a complexidade da construção desse tipo de movimento. Para o doutor em teologia Francisco de Aquino Junior, o nome utilizado transmite o novo jeito de ser Igreja, assim como um novo formato teórico-conceitual sobre, ou seja, uma vinculação da teoria e da prática que tem a possibilidade de trabalhar e interferir na sociedade, sendo capaz – devido à união das práticas políticas e religiosas elencadas por Weber – de alterar as configurações sociais, eclesiais, coletivas e individuais, dependendo da forma como são interpretadas e da maneira que a história da salvação através da figura de Jesus

³ WEBER, Max. *A Ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p 83.

Cristo é utilizada como argumentação⁴. Independente das doutrinas ou ritos religiosos, o sentido da fé cristã é baseado sumariamente no exercício da vontade de Deus e, conseqüentemente em seguir o que Jesus ensinou praticando, isto é, a junção da teoria que vem de Deus, aliada à prática adotada por Jesus Cristo. De acordo com Aquino Junior, a fundamentação da Teologia da Libertação se dá através da “práxis eclesial e uma teologia da práxis” ao observar o processo de libertação que envolve o olhar sob o pobre oprimido, evidenciando um Deus que liberta os pobres, negros, mulheres, deficientes, índios, entre outras classes que sofreram e sofrem com a opressão e a repressão.

O crescimento no número de adeptos ao catolicismo por toda a América Latina não foi o único motivo da Teologia da Libertação ter reunido tantas pessoas e instancias entorno desse movimento. Governos ditatoriais se espalharam pelos países latino-americanos, assim como as dificuldades socioeconômicas, abrindo espaço para a difusão de ideologias que valorizassem a luta do povo por justiça, igualdade e dignidade. Dois momentos da história foram essenciais para o fortalecimento da ideologia da TL na Igreja Católica: o Concílio Vaticano II⁵ e, pensando no Brasil, o golpe militar de 1964. De acordo Westphal

O Concílio Vaticano II, (1962-1965), que transcorreu num clima de liberdade, favoreceu os teólogos latino-americanos a uma articulação teológica autônoma. A esquerda católica produziu, entre 1959-1964, publicações que, em sua metodologia, apontavam para a teologia da libertação. Alguns dos teólogos de primeira hora da teologia da libertação foram: Gustavo Gutiérrez, Segundo Galilea, Juan Luis Segundo, Lucio Gera. No meio protestante se destacaram Emílio Castro, Júlio de Santa Ana, Rubem Alves e José Miguez Bonino. Do lado católico também deve ser contado José Comblin. Devemos salientar ainda, que já em 1964, Gustavo Gutiérrez postulava que a teologia seria “reflexão crítica da práxis”.⁶

⁴ JÚNIOR, Francisco de Aquino. *Atualidade da teologia da libertação*. In: PLURA, Revista de Estudos de Religião, vol. 3, n° 1, 2012, p. 26-48.

⁵ Conhecido como Conselho Ecumênico da Igreja Católica, o Concílio Vaticano II reuniu bispos de todo o mundo entre os anos de 1962 e 1965 como o intuito de estabelecer mudanças que pudessem “modernizar” a Igreja e atrair cada vez mais fiéis. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm. Acesso em: 10/09/2017.

⁶ Westphal, Euler Renato. *Uma Breve História Da Teologia Da Libertação: Um Olhar Crítico Sobre Os Primeiros 20 Anos*. In: Vox Scripturae – Revista Teológica Brasileira, São Bento do Sul/SC, vol. XIX, n. 1, mai. 2011, p. 73.

O concílio Vaticano II influenciou o aparecimento de reuniões locais, regionais e nacionais, resultando no CELAM, posteriormente que reuniu os principais nomes da teologia que seriam mais tarde os representantes da Teologia da Libertação. Buscando entender a TL e seus objetivos principais podemos nos embasar no sociólogo marxista Michael Lowy que evidencia os tópicos que sustentam a teologia, como uma leitura nova e diferente dos escritos bíblicos, a presença da crítica social e moral ao sistema capitalista, a precipitação da salvação em Cristo através da possibilidade da libertação dos homens e a importância de desenvolver as comunidades de base que concedam a autonomia dos fiéis em busca da libertação⁷.

Apesar da insistência do regime militar em se afirmar desde o primeiro até o último general como governos democráticos em busca da defesa dos interesses da população brasileira e contra as ameaças comunistas, de acordo com o historiador Angelo Priori, o discurso não foi o suficiente para inibir a oposição e guerrilha, transformando a esquerda e os movimentos sociais em principais bases da resistência aos militares. Os Estados Unidos influenciavam as repressões em toda a América Latina e, conforme afirma Westphal, através do simbolismo de exílio e cativeiro, transforma a situação política em análoga comparação com o êxodo no Egito, que para Leonardo Boff transfigura Jesus Cristo libertador na figura Daquele que sofre e é símbolo de todos os outros que sofrem também com as perseguições.

A teoria da dependência é reafirmada através da herança cultural do catolicismo na América Latina e, para Valério, ao se embasar em L. Boff, traz a Igreja Católica para o centro das ações quando caracteriza o povo como oprimido e explorado, e por ser de maioria católica, desperta o interesse maior dos teólogos da libertação em afirmar a sua forma de enxergar a história da salvação. Perceber os países latinoamericanos como vítimas tanto do colonialismo quanto, posteriormente, dos regimes ditatoriais, constituem para os teólogos da libertação a essência da prática do catolicismo e fundamenta o processo de luta pela liberdade e salvação.

A América Latina como um todo é um continente oprimido e crente. O catolicismo penetrou no tecido de nossos povos e moldou, em boa parte, a identidade continental.⁸ [...] Não se pode entender a identidade histórica do

⁷ LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

⁸ BOFF, L. *O caminhar da igreja com os oprimidos: do vale de lágrimas à terra prometida*. Rio de

Brasil e, de modo geral, da América Latina sem a presença de 'evangelização constituinte', [...] A religiosidade, particularmente de vertente católica, constitui, agrade ou não os analistas, uma das estruturas básicas de nossa religiosidade.⁹

Neste conflituoso cenário brasileiro, surge por volta dos anos de 1960 as Comunidades Eclesiais de Base, conhecidas como CEBs, com a intenção de suprir uma esfera da Igreja Católica que necessitava de mudanças na forma de evangelização. Para o sociólogo Ivo Lesbaupin, a ideia de formar pequenas comunidades para ler e interpretar a Bíblia e que não dependesse de uma figura de autoridade, como um padre, trás autonomia para os fiéis e transformação no modo de vida, tornando-os ativos socialmente e ganhando destaque dentre as formas organizacionais na Igreja Católica. Inserir o leigo em um local valorizado de discussões, o que de acordo com Lesbaupin baseia-se no processo educativo proposto por Paulo Freire onde o sujeito é peça fundamental na construção da sua própria educação, auxilia no desenvolvimento da consciência crítica, acarretando em uma percepção sobre os problemas que enfrentam, sejam sociais ou políticos, e transformando essa consciência em possibilidade de mobilização social.

A realidade dos oprimidos torna-se o foco no intuito de reconstruir a Igreja através de um olhar a partir das bases. Para o filósofo Faustino Luiz Couto Teixeira, a renovação que ocorre na Igreja Católica não significa que se cria uma nova Igreja, mas sim um novo modo de viver a prática eclesial. De acordo com Teixeira, essa experiência deixa uma lição importante: "tornar a ser povo, bem como propicia ao povo a ocasião de se sentir Igreja."¹⁰

Entre os anos de 1968 e 1971, a Teologia da Libertação se consolida, ocorrendo oficialmente o primeiro Congresso da Teologia da Libertação, em 1970, na cidade de Bogotá, Colômbia. Tanto no primeiro, quanto nos diversos congressos que aconteceram sobre o movimento, resultaram em produções que embasariam cada vez mais a teologia. Como principais nomes do que era produzido, Gustavo

Janeiro: Codecri, 1981, p. 64.

⁹ Ibid. p 140.

¹⁰ TEIXEIRA, Faustino, L. C. *Comunidades Eclesiais de Base; bases teológicas*. Petrópolis: Vozes, 1988. p 118.

Gutiérrez publica *Teologia da Libertação, perspectivas*¹¹, assim como o brasileiro Leonardo Boff lançava o livro *Jesus Libertador*, que apresentavam uma visão mais militante e, que através da teologia, afirmavam o comprometimento nas batalhas pela libertação travadas pelos cristãos na América Latina, porém sempre apoiados nas bases epistemológicas, aliando à teoria e a práxis. Foram nessas obras e em tantas outras, como a do teólogo católico Hugo Assmann que as semelhanças entre a TL, a teoria da dependência, o marxismo e os ideais socialistas se afunilaram, o que de acordo com Valério, acontece devido às mudanças que estavam acontecendo nos modelos estruturais dos grupos sociais menos desenvolvidos¹².

O III Conselho Episcopal Latinoamericano aconteceu em 1979, em Puebla, no México e foi o palco de uma das lutas teológicas mais importantes do continente. A influência dos teólogos da libertação foi tão grande que a libertação dos que são oprimidos deixa de ser somente uma parte da evangelização e torna-se indispensável e essencial para que a ação evangelizadora acontecesse. Concomitante com o III CELAM, encontros regionais foram acontecendo e fomentando o ideal de libertação, como Westphal apresenta em sua análise:

Alguns encontros foram importantes para a articulação teológica da libertação. A partir da iniciativa de E. Dussel e S. Torres, realizou-se o encontro em Dar es Salam, na Tanzânia, em 1975. Em dezembro de 1977, aconteceu o encontro em Acra, em Gana e, em dezembro de 1978, houve o encontro em Colombo, no Sri Lanka. O encontro em São Paulo, em 1980, foi o mais importante, pois reuniu 160 representantes da África, Ásia, Europa, América do Norte e América Latina. Por essa ocasião, foram debatidos assuntos referentes à igreja popular e temas que surgiram a partir da prática da década de 70. Em 1983, ocorreu um encontro em Genebra, na Suíça. Esses encontros também contribuíram para a divulgação da teologia da libertação em âmbito mundial. [...] Em janeiro de 1979, em Matanzas, Cuba, pouco antes da conferência de Puebla, aconteceu o diálogo da teologia da libertação com teólogos de países socialistas. Esse diálogo veio contribuir para a revolução sandinista na Nicarágua. O encontro de Detroit, e o simpósio do CEHILA, em 1980, teriam encerrado o período que se estendeu de 1976 a 1980.¹³

¹¹ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspectivas*. [Teologia de la Liberación]. Trad. Jorge Soares. . ed. Petrópolis, Vozes, 1983 (1975), 275p. (Orig. espanhol).

¹² VALÉRIO, Mairon Escorsi. A teologia da libertação e a reinvenção religiosa da América Latina. In: RELIGIÃO & Cultura: temáticas de história cultural das religiões / Organizado por Antonio Paulo Benatte e José Adilçom Campigoto. Guarapuava: Unicentro, 2013. p 157.

¹³ Westphal, Euler Renato. Uma Breve História Da Teologia Da Libertação: Um Olhar Crítico Sobre Os Primeiros 20 Anos. In: Vox Scripturae – Revista Teológica Brasileira, São Bento do Sul/SC, vol.

Porém, nem tudo foram conquistas na história da TL. Críticas contrárias ao que o movimento pregava já estavam acontecendo, e em 1975 essa postura é declarada. Membros importantes do Vaticano como o Cardeal Joseph Ratzinger fizeram duras críticas ao que a TL praticava e produzia, incluindo os escritos de Leonardo Boff, que após a conferência sofreu com a indução do seu silêncio, até que em 1992 se desvinculou da Ordem dos Franciscanos. A partir desse momento com as críticas cada vez mais severas da Igreja, as reivindicações que a Teologia da Libertação defendia entram cada vez mais em conflito com as práticas religiosas que lhes eram exigidas, ocasionando numa perda de militantes, que sentiram que poderiam lutar pelos oprimidos em outros âmbitos que não fosse dentro da Igreja Católica, como foi o caso de Leonardo Boff.

1.2 A PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR – PJMP.

Nosso objeto de estudo, a Pastoral da Juventude do Meio Popular surge nesse contexto de regime ditatorial, fomento das CEBs e da Teologia da Libertação. Ao entrar em contato com a assessoria digital da PJMP em busca de material para pesquisa, foi informado que grande parte do que foi produzido pela pastoral desde a sua criação poderia ser encontrado no próprio website da instituição, nos respaldando nessa pesquisa e sendo a principal fornecedora das informações sobre a história da PJMP elencadas ao longo da monografia.

Nascida em Recife, Pernambuco em 1978, seus primeiros integrantes são remanescentes na Juventude Operária Católica – JOC - ¹⁴ e afirmam seguir o cenário nacional de mudanças, inclusive eclesiais, de luta contra o capitalismo e a ditadura militar, e que, de acordo com os fundadores da PJMP, através do Conselho Episcopal Latinoamericano – CELAM trouxe para a Igreja Católica uma visão voltada

XIX, n. 1, mai. 2011, pp. 84 e 86.

¹⁴ Associação civil católica reconhecida nacionalmente pela hierarquia eclesiástica em 1948 como setor especializado da Associação Católica Brasileira (ACB) destinado à difusão dos ensinamentos e da doutrina da Igreja no meio operário.

para os direitos humanos. Através de elementos como a religiosidade popular, natureza, corporeidade e afetividade, a PJMP busca desenvolver o encontro profundo de fé com Deus a partir do aprimoramento da prática espiritual, que servirá de base para que a solidariedade, a luta pelos pobres e a ação da partilha sejam atitudes comuns na Igreja Católica e principais focos da evangelização.

Quando no hino da PJMP dizemos que “pelos campos, cidades e vilas, no trabalho ou então desempregados, nas caatingas, nas fábricas e nas filas” queremos dizer que a nossa espiritualidade permanece e persiste com a nossa mística em todos esses cantos, é dizer que na fartura ou na fome não nos renderemos, é a lição do ver-julgar-agir-celebrar-festejar é o compromisso nosso com Jesus Cristo, com o Cristo que não morreu de gripe, de tuberculose, mas que morreu defendendo seus princípios e denunciando o sistema opressor¹⁵.

Um aspecto muito valorizado no interior da PJMP e que deve ser destacado para compreensão do mesmo é a organização institucional para auxiliar a articulação da ação evangelizadora entre as camadas populares: “A Pastoral da Juventude do Meio Popular só pode ser verdadeiramente pastoral à medida que estiver articulada com a pastoral de conjunto, enraizada nas igrejas locais, onde assuma os desafios próprios delas”¹⁶, ou seja, a prática religiosa defendida deveria estar envolvida com as instâncias eclesiais e diversos serviços pastorais, justamente por almejar a união dos cristãos. Se dividindo organizacionalmente em dois grupos populares formados por jovens iniciantes e jovens militantes dos meios urbanos e rurais, a PJMP é constituída por esses membros, por coordenação, por organização paroquial, organização arquidiocesana/diocesana, organização nacional e por último, pela organização latinoamericana. A coordenação tem a responsabilidade de estar próxima dos grupos locais e acompanhar o trabalho feito desde a base, assim como saber trabalhar em grupo com a juventude e ser parte do trabalho como membro, não somente como figura de liderança. Com relação à organização paroquial, a PJMP destaca a importância da relação mútua das partes, sendo a paróquia responsável em inserir a Pastoral da Juventude no cotidiano na comunidade, assim como é responsabilidade da PJ em participar das reuniões e

¹⁵ Espiritualidade e Mística do Meio Popular. Disponível em: <http://www.pjmp.org/espiritualidademistica>. Acesso em: 01/12/2017.

¹⁶ A Organização da PJMP. Disponível em: <http://www.pjmp.org/organizacao>. Acesso em: 01/12/2017.

conselhos paroquiais, criar o diálogo com os outros possíveis grupos de jovens existentes para “pensar e elaborar sua ação tendo em vista a dimensão da formação da juventude.”. A função da organização em nível de diocese não é muito diferente do paroquial, porém apresenta o dever de haver grupos representantes da PJMP em todas as dioceses que tinham paróquias com membros da pastoral, servindo assim como uma ponte entre a base e os níveis mais altos da Igreja em cada região. A organização nacional torna-se responsável pelas tomadas de decisões, pela articulação com outros grupos existentes, pela logística dos encontros pastorais e encaminhamento das escolhas feitas nos encontros até as coordenações basais, por recolher os dados produzidos nas paróquias e utilizá-las como subsídios das mudanças no movimento. Nos eventos no Conselho Episcopal Latinoamericano – CELAM – são debatidos através da Seção de Juventude as necessidades em nível continental, pois de acordo com os preceitos da organização latinoamericana da PJMP:

O dinamismo, que é característica forte da pastoral juvenil, faz com que nós ultrapassemos as fronteiras do Brasil, marcando presença significativa em eventos e na organização latino-americana. Nós da PJMP, acreditamos ser de grande importância o contato com outras pastorais para troca de experiências, cooperação e realização de atividades, desde que não nos descaracterizemos como jovens do meio popular, onde temos um jeito de SER, de FAZER e de CRER¹⁷.

Ao assumir uma estrutura que defende a clareza nas tomadas de decisões e a importância de conseguir articular todas as suas divisões, a Pastoral da Juventude do Meio Popular organiza um Comissão Nacional responsável em se reunir sempre que necessário e contar com representantes de todos os blocos que formam a PJMP num todo, assim como nomear um membro que possam assumir a secretaria nacional e que seja capaz de representar a PJMP, tenha disponibilidade para atuar e que tenha a capacidade de representar oficialmente a pastoral, trabalhando como missionário e mantendo o diálogo com os grupos fora e dentro da Igreja Católica.

¹⁷ Ibid.

2. A PJMP NO BRASIL: ONTEM E HOJE

“A Igreja que nasce do povo pela força do espírito”

Carlos Palácio.

Utilizar como fontes os relatórios de assembleias, simpósios, matérias de divulgação da pastoral, tanto os antigos, quanto os mais atuais, disponíveis no website da PJMP nos dá respaldo para compreender como foi o seu processo de instauração no Brasil e quais são suas bases e influências – que já foram introduzidas no capítulo anterior. O que o escritor Frei Betto debate no livro “Igreja – Movimentos Populares – Política no Brasil” nos apresenta a popularização das CEBs como movimento do povo devido ao caráter religioso, retardando assim os olhares dos órgãos repressivos ditatoriais. Para Frei Betto, os movimentos populares com caráter religioso carregavam diversas modalidades: de reivindicação, de resistência, de denúncia e de solidariedade¹⁸. O de reivindicação era responsável por lutar pelo básico para as comunidades, como água e luz, por exemplo. Os movimentos de resistência tinha a missão de defender nas favelas os que eram ameaçados pelas ordens de despejo. Os de denúncia mapeavam o custo de vida. Por fim, os movimentos de solidariedade arrecadavam roupas, alimentos, fundos e promoviam manifestações pelas causas solidárias. Era visível para o autor que durante todo o desenvolvimento desses grupos, militantes de esquerda que tentavam evitar os aparelhos de repressão da ditadura buscavam nas CEBs um local para atuar, anulando um caráter exclusivamente originário na pastoral religiosa, o que se complementou mais tarde com a Teologia da Libertação, uma teologia voltada para as práticas sociais, com as bases teóricas elaboradas por teólogos e pensadores e que nasceu no interior da Igreja e foi se expandido para as margens.

É interessante ressaltar que Frei Betto relaciona diversas formas de movimentos populares brasileiros que podem se complementar, se anular, competir ou existir paralelamente. Esses movimentos são os do ambiente da Igreja – CEBs e pastorais, dos movimentos populares, do movimento sindical e do ambiente

¹⁸ BETTO, Frei. *Igreja e movimentos populares urbanos*. In: LESBAUPIN, Ivo. (Org). *Igreja, Movimentos populares, política no Brasil*, São Paulo: Edições Loyola, 1989. p 27.

partidário. A discussão levantada por Frei Betto é essencial, pois o escritor busca analisar de que forma esses movimentos poderiam coexistir sem que um substitua ou exclua os outros. Ordenar as pessoas a partir das suas carências mais urgentes era o objetivo de todos os movimentos populares de mobilização nacional, e a partir desse objetivo a pastoral incorporava ações importantes do ponto de vista político, mas que na prática ainda precisavam organizar estratégias capazes de transformar a questão das classes.

As Comunidades Eclesiais de Base buscam estruturar o trabalho das pastorais à teoria teológica e política que lhe são atribuídas, e muitas dessas estruturas permeiam a construção da PJMP no Brasil. Para Faustino Luiz Couto Teixeira¹⁹, a real experiência dentro da Igreja só pode ser vivida quando a mesma se identifica com os pobres e luta por eles, não somente os reconhecendo como necessitados, mas caminhando ao lado deles com comprometimento. De acordo com o autor, a realidade do capitalismo na América Latina distancia os povos do modelo de vida que Cristo pediu que fosse vivido pelos cristãos, comparando inclusive o modo como os oprimidos vivem, na pobreza e de forma marginalizada às forças diabólicas que regem a morte. Os símbolos religiosos cumprem papel essencial na articulação da função da Igreja entre os povos, e as classes dominantes tem a consciência disso e utilizam da hegemonia para selecionar quais símbolos são os mais pertinentes para manutenção da opressão e do poder exercido. Neste momento, como já foi citado neste trabalho, os teólogos ao analisarem as condições de vida e de exercício da fé que os leigos das bases eram submetidos, exaltam a necessidade de defender a libertação através de um Deus que é libertador.

2.1 A PJMP, SUA IDENTIDADE E SEUS OBJETIVOS.

O documento que narra o nascimento da PJMP no Brasil possui as características provenientes das CEBs e da TL. Através do 1º Encontro de

¹⁹ TEIXEIRA, Faustino, L. C. Comunidades Eclesiais de Base; bases teológicas. Petrópolis: Vozes, 1988. p 114.

Animadores de Jovens do Meio Popular, Recife em 1978, os fiéis buscavam a criação de um grupo capaz de trazer a união, aliada à aplicação de um método capaz de auxiliar o jovem a transformar o meio que vive, mas que não se descuidasse da história da salvação proposta pela evangelização:

[...] Assim, o contexto inspirador para o nascimento da PJMP foi, por um lado, a realidade concreta dos jovens e o ressurgimento das lutas sociais e políticas que acontecia no Brasil, e, por outro, o contexto eclesial da Igreja Latino-Americana e do Regional NE II, que sob a orientação e o pastoreio de Dom Hélder Câmara, construía um modelo de organização pastoral no qual o pobre era sujeito histórico de libertação. A PJMP nasceu bebendo no seio desta Igreja e assumiu a visão de que a transformação da realidade é obra dos oprimidos e de todas as pessoas de boa vontade que se comprometem com as lutas de libertação. [...] ²⁰

A preocupação com os jovens das classes exploradas transformou a PJMP em um ambiente de acolhimento das pessoas tanto do campo, quanto da cidade tendo como objetivo principal "evangelizar os jovens da classe popular no meio em que eles vivem e atuam, anunciando a Pessoa e o Projeto de Jesus Cristo Libertador com vista a uma prática libertadora na igreja, na sociedade, na família e em todos os momentos de sua vida.". Com propósito claro de buscar através de um trabalho de base conscientizar os jovens explorados pelo sistema capitalista, o próprio histórico da PJMP assume a influência que tiveram da Teologia da Libertação e das ciências sociais. O anseio dos jovens em se organizarem não era algo isolado ou fenômeno somente da Igreja Católica entre os anos 1970 e 1980, pois os movimentos de massa, principalmente nas camadas mais populares eram parte do cenário político e social da nação. As mudanças nas mentalidades e nas práticas políticas e religiosas não excluem os jovens do debate, muito pelo contrário, os instiga a atuarem, modificando assim o Brasil do século XX, período histórico analisado. Diversos setores da sociedade civil iniciavam formas de organização em busca de melhorias e a própria PJMP justifica e endossa sua militância devido a esse contexto:

Vale lembrar que os desejos, sonhos e formas de atuação na realidade vivida dos jovens reunidos neste encontro não é algo isolado. O final dos anos 70 e os anos 80 no Brasil foi um período marcado por grandes movimentos de massa e pelo ressurgimento da sociedade civil, sobretudo das camadas populares, no cenário político nacional ²¹.

²⁰ OLIVEIRA, Íris Maria de. Paiva, Pe. Antônio Murilo de. História da PJMP. Disponível em: <http://www.pjmp.org/historia>. Acesso em: 26/11/2017.

²¹ Ibid.

A própria Pastoral se via como fruto desse momento histórico vivenciado pelo Brasil, e se aproxima de outros movimentos sociais ao afirmar que age da forma que age devido à realidade que está permeando os jovens católicos do período. Para o estudioso Carlos Palácio, são anos de mudanças na história da Igreja, mas vai além disso. A transição de uma Igreja que seguia moldes eclesiais de cristandade para um novo modelo que precisava incorporar e se readequar a partir das Comunidades Eclesiais de Base, o que de acordo com o teólogo representa uma tomada de consciência dos membros da Igreja a partir do papel que a instituição exerce na formação histórica brasileira. A relação das pastorais que envolvem a juventude no Brasil com o âmbito político perpassa o básico da teoria de dependência, ou ideais de esquerda fomentados pela TL. Para Frei Betto²², as formas como as pastorais se relacionavam com as propostas partidárias eram dificultadas devido ao olhar que, as sua concepção, era dado à Igreja e as suas tendências políticas, prejudicando a concepção evangelizadora e tornando-se um projeto político que almeja novos espaços de poder. A própria ideia que surge da interpretação do evangelho que todos tenham vida e salvação ganha uma tradução política se for pensada na forma de militância os jovens da pastoral:

Os jovens do meio popular são a maioria do continente e são as maiores vítimas desta estrutura social injusta. São jovens que vivem mais perto da pobreza e de tudo o que ela implica. Recebem baixos salários e, pela falta de oportunidades, veem-se obrigados a trabalhar, muitas vezes, em subempregos, para aumentar a renda familiar.

Com as responsabilidades que assumem, transformam-se em "adultos prematuros" e têm, assim, impossibilitadas suas aspirações de formação e de melhoria de vida. O alto índice de evasão escolar está relacionado ao ingresso precoce no mundo do trabalho e a impossibilidade financeira.

São milhares de jovens entregues ao alcoolismo, às drogas, à delinquência, à prostituição e à várias formas de marginalização. Existem no meio juvenil popular grandes possibilidades de educação popular e libertária, que parta de sua própria realidade. Neste processo de educação popular é necessário despertar a consciência crítica, a consciência de classe, visando criar entre os jovens UMA IDENTIDADE, como jovens do meio popular.

Com o despertar desta identidade vem surgindo uma "novidade" que começa na periferia e que será capaz de transformar a sociedade individualista e excludente dos meios urbanos. Como setor, a juventude do meio popular, cresce e insiste para entrar na vida social²³.

²² BETTO, Frei. *Igreja e movimentos populares urbanos*. In: LESBAUPIN, Ivo. (Org). *Igreja, Movimentos populares, política no Brasil*, São Paulo: Edições Loyola, 1989. p 32.

²³ O objetivo da Pastoral da Juventude. Disponível em: <http://www.pjmp.org/objetivos>. Acesso em 01/12/2017.

Compreender o impacto da religião nos espaços públicos é a grande questão. A fonte acima é um exemplo disso, pois se trata de um trecho dos objetivos principais da missão que a PJMP toma para si, focando nos problemas sociais da base e na possibilidade do acesso à educação que liberta e desperta consciência de classe. Visto isso, como separar o que é herança do modo de viver deixada por Jesus Cristo e o que faz parte de um projeto político de esquerda? Para Teixeira e sua visão teológica, a libertação integral dos homens faz parte de um projeto divino, na qual todas as práticas devem ser constituídas pela dimensão da fé, tendo a palavra de Deus como principal referencia das comunidades e pastorais em busca da experiência que é vivida nos seus interiores e que a partir dela se encontrará a salvação.

A busca pela libertação através da Igreja é exaltada pelos teólogos, mas não era o único meio que as pessoas buscavam para lutar pela liberdade ou pela ampliação dos seus direitos. Além da Teologia da Libertação e das diversas Comunidades Eclesiais de Base espalhadas pelo Brasil, vimos nesse momento nascer a CUT - Central Única dos Trabalhadores, o PT – Partido dos trabalhadores, o MST – Movimento dos Sem Terra, entre tantos outros e tendo em todos esses movimentos a participação de católicos engajados e militantes. Para o historiador Sandro Ramon Ferreira da Silva²⁴, é interessante analisar como o pensamento social do marxismo se une ao conceito de libertação utilizado pela Igreja Católica em um momento histórico de perseguição aos comunistas e, ao apoiar em Michael Lowy, o historiador utiliza da premissa da “afinidade negativa”, na qual distancia o catolicismo do capitalismo, por não haver no sistema capitalista a possibilidade de existir atitudes caridosas e de assistencialismo, por exemplo. Seguindo a lógica do que era defendido pelas pastorais, pelas CEBs e pela própria TL, aproximar-se dos ideais marxistas era quase que inevitável, pois eram esses ideais que refutava as mazelas e consequências ruins do capitalismo, como acontece no excerto dos objetivos da PJMP que fala sobre a importância da denúncia em prol da vida dos cristãos:

²⁴ SILVA, Sandro Ramon Ferreira da. *Teologia da Libertação: Revolução e reação interiorizadas na Igreja*. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006, p 46.

É necessário, no processo de evangelização, denunciar todos os "sinais de morte". Denunciar os contra-valores do Reino. Denunciar à fome, a opressão, a exploração dos homens, o individualismo, os falsos valores do capitalismo, a massificação do ser humano, as prisões, os guetos, o sofrimento do povo, a ostentação dos grandes... para que a vida prevaleça²⁵.

Apesar de parecer paradoxal e incoerente utilizar das teorias marxistas, a Teologia da Libertação, assim como o que a PJMP se apropria dela, elaboram um projeto que não se apropria somente da inspiração socialistas, mas também de um modelo de análise proposta pela mesma. Os grupos de esquerda católicos se apropriam da ideia de que o proletariado cumpre um papel messiânico na terra e que os homens devem lutar por um futuro onde a vida será melhor, ou seja, onde o socialismo terá se instaurado²⁶. O desejo da conquista de uma sociedade-sem-classes proposto por Karl Marx é utilizado como analogia às bem-aventuranças prometida por Deus.

O projeto de Jesus possui dois pontos importantes a se refletir: a "libertação dos oprimidos" (cf. Lc 4,18) e o "reino", "a chegada de tempos novos" (cf. Lc 4,19).

Este projeto se resume em levar os homens a uma libertação integral, pessoal e social, através da construção do Reino de Deus, que passa necessariamente pela construção de uma sociedade igualitária e fraterna onde não haja explorados nem exploradores.

O Reino de Deus é o dom: Deus dá a sua presença, sua solidariedade, sua justiça, seu amor. Mas, a sua instauração exige o esforço do homem.

Para fazer parte do Reino é necessário a conversão do coração (cf. Mc 1,15), é preciso nascer de novo (cf. Jo 3,3-21), é preciso recebê-lo com o coração de criança (cf. Mc 10,15). Para fazer parte dos "tempos novos" é preciso amar profundamente a Deus e aos irmãos (cf. Mc 12,28-34). O amor profundo é aquele que implica em compromisso com o ser amado.²⁷

O trecho de fonte acima também foi retirado dos objetivos da PJMP e é intitulado "O projeto de Jesus". Podemos visualizar o desejo da sociedade sem classes, mas que só pode acontecer através da libertação, e essa libertação só acontece através do Reino de Deus. Utilizando o viés de transformação social, a PJMP assume que deve cumprir esse papel de libertação não somente na Igreja

²⁵ O objetivo da Pastoral da Juventude. Disponível em: <http://www.pjmp.org/objetivos>. Acesso em 01/12/2017.

²⁶ SILVA, Sandro Ramon Ferreira da. *Teologia da Libertação: Revolução e reação interiorizadas na Igreja*. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006, p 47.

²⁷ O projeto de Jesus. In: O objetivo da Pastoral da Juventude. Disponível em: <http://www.pjmp.org/objetivos>. Acesso em 01/12/2017.

Católica e entre seus fiéis, mas também em toda a sociedade, transformando o social e o homem, como afirmando no seguinte excerto:

A Pastoral da Juventude do Meio Popular deve proporcionar aos jovens empobrecidos serem agentes de transformação no atual momento histórico, sempre na fidelidade à prática libertadora de Jesus Cristo.

Contribuir para a transformação da Igreja na medida em que se propõe a questionar o modelo de Igreja e ao mesmo tempo, apresentar a vivência de um modelo comprometido com os empobrecidos.

Neste sentido a Pastoral da Juventude do Meio Popular recusa a "Igreja hierarquia", a Igreja que quer calar os profetas, a Igreja que se omite ante aos clamores do Povo de Deus que sofre, a mesma Igreja que foi cúmplice do massacre dos povos da América Latina.

Mas, ao mesmo tempo que recusa esta Igreja, a PJMP acredita na Igreja que se renova através da "OPÇÃO PELOS POBRES". Acredita nas Comunidades Eclesiais de Base, alicerce para a construção da nova Igreja e do Reino. Acredita na Igreja que vive e sofre solidária com a dor da opressão dos pobres e mais humildes do nosso continente. Por isso, como Jesus, comprometida com seu povo e com o evangelho de Deus.²⁸

A bibliografia militante tenta em toda sua trajetória de produção evidenciar o caráter de mudança que os movimentos católicos de esquerda empregam nas formas de buscar construir uma nova Igreja. Para o historiador Mairon Escorsi Valério, a importância que a literatura militante acarreta ao seu papel na sociedade origina os pares assimétricos²⁹ que nada mais é que o embate entre chamadas *Igreja Oficial* e *Igreja Popular*.

Esse movimento de afirmação de uma nova igreja católica que se diz popular teve início já na década de 1940, quando de acordo com o historiador Wellington Teodoro da Silva³⁰ os pensadores católicos tentam se inserir nas discussões que buscavam alternativas para a forma como o Brasil estava se desenvolvendo, e posteriormente a elaboração de ideias que possam comprometer os fiéis que se afastavam da Igreja. Para Silva, a esquerda católica foca-se tanto no discurso de que deve se combater e superar o capitalismo como sistema econômico, que começam a negar outros ambientes que podem fazer parte dessas discussões.

²⁸ A contribuição da PJMP para a transformação da Igreja, da sociedade e do homem. In: O objetivo da Pastoral da Juventude. Disponível em: <http://www.pjmp.org/objetivos>. Acesso em 01/12/2017.

²⁹ VALÉRIO, Mairon Escorsi. *A historiografia da teologia da libertação na América Latina e a questão dos pares assimétricos*. FRONTEIRAS: Revista de História, v. 14, n. 25, p. 161-181, 2013.

³⁰ SILVA, Wellington Teodoro da. *Esquerda Católica Brasileira: excerto*. In: Revista Nures, Ano VII, n. 18, maio à agosto de 2011, p 84.

Em nível eclesial, este é também o período em que a Igreja Católica assumiu a defesa dos direitos humanos e tornou-se uma voz profética contra a ditadura e o sistema capitalista.³¹

3. A DISCUSSÃO É NOVA OU REPRODUZ O TRADICIONAL?

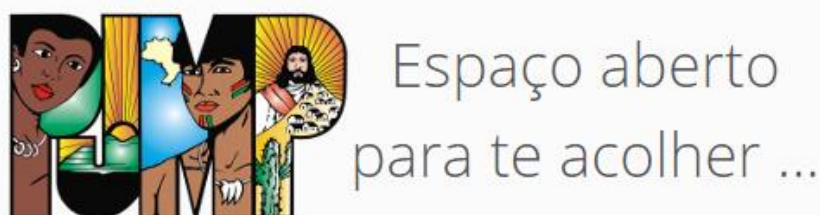


Figura 1. Slogan e Símbolo Nacional da PJMP. Disponível em: www.pjmp.org

A partir do uso das fontes, a intenção desse capítulo é aprofundar a análise do que foi produzido pela Pastoral da Juventude do Meio Popular, buscando tentar trabalhar e problematizar os discursos de antes e os atuais e entender se há diferenças no método ou é somente uma reprodução do que a PJMP produzia no início.

As Assembleias Nacionais da PJMP são eventos importantes e que reúnem integrantes do movimento de diversos lugares do país. Dentre as pautas dessas assembleias, estava a de escutar as dificuldades da pastoral enfrentava nos seus setores, estados e paróquias, como aconteceu na 10ª Assembleia Nacional da PJMP, em Fortaleza, de 07 a 12 de janeiro de 1996:

A partir das contribuições dos vários Regionais no instrumento de preparação, sintetizadas pela CNA foi apresentada artística e parcialmente os rumos da Sociedade, da Igreja e da PJMP.

* Sociedade (GO) - Ditadura Militar (repressão); abertura política (Diretas Já); eleição de Collor (Modernização, privatização e globalização); impeachment-caras pintadas, exclusão (indigência, drogas, prostituição, etc.): “A gente não quer só comida...”

* Igreja (CE) - Angústia; desânimo por parte dos movimentos populares; comodismo (é como se não tivesse mais saída); silêncio; intimismo; política centralizadora e autoritária do Vaticano (Novo Catecismo, negação da Teologia da Libertação, silêncio imposto a Ivone Gevara, eleição de D. Lucas...); volta ao sacramentalismo; dificuldade com muitos bispos

³¹ História da PJMP. Disponível em: <http://www.pjmp.org/historia>. Acesso em: 15/09/2017.

(pastorais sociais); descoberta e valorização do lúdico, da afetividade (corpo, prazer) pelas pastorais populares, processo de urbanização: Pastorais específicas; voz profética (pastorais sociais); persistência dos sonhos e empolgação.

* PJMP (NE2) – Realidade de Recife: Bispo conservador, dificuldade de relação com o diferente, silêncio diante da crise, falta de recursos financeiros, acompanhamento e subsídios.³²

As reivindicações supracitadas vêm de estados como Pernambuco, Ceará e Goiás e apresentam tanto características eclesiais, quanto características que externam a preocupação com a situação social e política do Brasil. Neste momento de 1996 já podemos perceber a decadência do apoio da Igreja Católica à Teologia da Libertação e a necessidade, já antes elencada por Frei Betto no livro *Igreja – Movimentos Populares – Política no Brasil*, de aliar a proposta pastoral com a conjuntura brasileira:

- 1- Como poderá a pastoral passar de uma fase ética para uma fase política? Seria próprio da pastoral restringir-se à fase ética? Nesse caso, em que espaço se dará a complementação política? E se ela assumir um caráter político, em que medida não se afirmará como uma tendência ou mesmo um partido?
- 2- Como relacionar o discurso pastoral, genérico, com as exigências de definições político-ideológicas?
- 3- Qual o papel da Igreja numa luta popular justa considerada ilegal?
- 4- O que definirá o caráter de eclesialidade dos núcleos pastorais relacionados com o movimentos popular? Que linhas fundamentais teria a espiritualidade desses núcleos? Como seriam suas expressões litúrgicas?³³

Para Frei Betto era importante entender em qual parte do discurso a luta é considerada pastoral e eclesial e em qual momento ela tende à uma proposta política ou partidária. De acordo com o sociólogo Herbert de Souza – no mesmo livro que escreve Frei Betto -, a Igreja é um poder sem Estado e que a partir de 1964³⁴ começa a enxergar com mais antagonismo à relação do catolicismo com o governo, pois é a partir desse momento que a Igreja que é uma expressão de poder entra em conflito com o regime militar que não aceita outras formas de poderes.

Na assembleia nacional de 1996 surgiram provocações por parte dos líderes da PJMP e que merecem ser apontadas e discutidas, tentando entender o cenário que a pastoral enfrentava na época:

³² Relatório da 10ª Assembleia Nacional da PJMP. Disponível em:
http://pjmp.org/subsidios_arquivos/pjmp/relatorio10ANPJMP.pdf. Acesso em: 11/12/2017.

³³ BETTO, Frei. *Igreja e movimentos populares urbanos*. In: LESBAUPIN, Ivo. (Org). *Igreja, Movimentos populares, política no Brasil*, São Paulo: Edições Loyola, 1989. p 34.

³⁴ *Ibid.* p 45.

- Visão pessimista (não conseguimos achar saída);
- Temos medo de não encontrar resposta;
- Anos 60 e 70 – grande mobilização; atualmente, abafamento;
- Temos dificuldade em atingir a juventude;
- Vivemos uma sociedade heterogênea, diversificada;
- Somos especialistas em homogeneização;
- Temos dificuldades de relação com o diferente;
- Precisamos perceber a história como um processo contínuo (ligação sonho-realidade);
- Como estar numa sociedade neo-liberal e não ser neo-liberal?
- Quando falamos em sociedade, não destacamos a nossa atuação;
- Antes tinha um inimigo claro e com endereço a combater: Ditadura militar. As lutas eram mais concretas;
- Onde está o neo-liberalismo?
- Tínhamos um modelo concreto de sociedade a propôr;
- Não conhecemos a cara real da Igreja atualmente;
- A Juventude quer saída;
- Temos uma história profética;
- Qual a novidade da PJMP hoje?
- Temos dificuldade em visualizar a nossa novidade;
- A Igreja parece estar se tornando um “gueto”;
- Não nos damos conta da nova conjuntura;
- Não conseguimos valorizar as experiências, o que há de novo;
- Existem movimentos novos na sociedade: Homossexuais, AIDS, prostituição, etc.;
- Temos dificuldades de levar o nosso jeito de celebrar;
- Crise de paradigmas, perda de referência;
- Exclusão, realidade nova - confronto com os tradicionais movimentos populares corporativistas;
- A crise do capitalismo se reflete em toda a sociedade;
- As nossas palavras e discursos são usados pelos conservadores;
- Pastorais Específicas - diversificação das CEBs;
- Pastorais Sociais - resistência profética;
- A Igreja caminha com “pé de chumbo” - não acompanha as mudanças;
- A hierarquia cada vez mais fecha as portas à Igreja Popular;
- O que podemos fazer onde estamos?³⁵

É interessante pensar que neste período pós-ditadura militar, os membros da PJMP enxergam a falta de foco e a falta de algo pelo o que lutar, como se faltasse uma luta concreta e que unisse os integrantes em torno de um inimigo em comum e que a perda da referência muda o formato de viverem a religião. A partir da ideia de poder trabalhada por Souza de uma força que pode interferir e modificar o espaço onde exerce influência seria a igreja, principalmente nesse caso a esquerda católica um poder político que o Estado se sente obrigado a responder e estar atento ao que é produzido. Para Souza,

[...] eu costumo dizer que eu conheço dois grandes partidos no Brasil: um e chama a igreja Católica e o outro se chama Rede Globo de Televisão. E os

³⁵ Relatório da 10ª Assembleia Nacional da PJMP. Disponível em:
http://pjmp.org/subsidios_arquivos/pjmp/relatorio10ANPJMP.pdf. Acesso em: 11/12/2017.

dois disputam a grande audiência nacional. Os dois constituem e tem uma rede nacional de articulação, mobilização, educação e ação³⁶. [...].

A comparação de Souza nos ajuda a entender o porquê os membros da PJMP se sentem responsáveis em estarem presentes nas lutas políticas e sociais, e porque a falta de foco dentro do movimento acarreta na perda de membros e de motivação, resultando na autorreflexão que compreende a falta de referências e de se adaptar as novas estruturas eclesiais, a dificuldade de entender o papel da Igreja Católica no período e a barreira de entender as mudanças e relações de um mundo globalizado, dificultando o processo de aceitação do que é diferente.

Na mesma assembleia de 1996, os assessores da pastoral fazem uma reflexão sobre como a sociedade deve se organizar para viver de forma mais igualitária, e afirmam que a partilha de bens de uma sociedade horizontal é que pode cumprir esse papel, ao contrario de uma sociedade verticalizada. É feito durante a assembleia toda uma contextualização e exposição do desenvolvimento dos meios de produção, desde a criação das máquinas da indústria têxtil, o surgimento do automóvel e da informática, com o intuito de problematizar os processos econômicos e como fazem parte da manutenção do sistema de classes que só pode ser ter duas consequências: a acomodação ou o conflito.

[...] Ao longo da história, a religião teve a tarefa de apaziguar os conflitos (por isso Marx a chamou “ópio do povo”). E, enquanto tal, tem sido muito útil ao capitalismo. A Igreja sempre trabalhou com a moral (pecado) que leva as pessoas a se tornarem mais obedientes. É claro que na religião sempre houve diferenças e conflitos. O capitalismo neo-liberal não precisa mais da religião, pois ele se tornou uma religião: O mercado se tornou um deus e promete até o “paraíso”. [...].³⁷

Ao chegarem ao denominador comum de que o inimigo é o sistema capitalista, os assessores da PJMP relatam que é preciso pensar o ser humano e o capitalismo, que num primeiro momento coloca a máquina como inimiga do proletariado, mas que num segundo momento percebe que o verdadeiro inimigo é o patrão, e que algumas formas de resistência à esse sistema incluem a Bíblia na figura de Jesus e de todo o movimento de libertação que envolve sua história, o de reação contra as máquinas na primeira fase capitalista e o sindicalismo na segunda

³⁶ SOUZA, Herbert de. *Igreja, partidos políticos e eleições 82*. In: LESBAUPIN, Ivo. (Org). *Igreja, Movimentos populares, política no Brasil*, São Paulo: Edições Loyola, 1989. p 34.

³⁷ Relatório da 10ª Assembleia Nacional da PJMP. Disponível em: http://pjmp.org/subsidios_arquivos/pjmp/relatorio10ANPJMP.pdf. Acesso em: 11/12/2017.

fase. Ao longo da assembleia foram discutidos os fundamentos teológicos do movimento, a pessoa humana que deve ser socorrida, mas destaco aqui o documento da relatoria que apresenta a proposta do papel da igreja na sociedade brasileira que a Pastoral da Juventude do Meio Popular enxerga como ideal:

A Igreja está inserida no mundo. Não é de se admirar que ela sofra influências da sociedade. Que respostas damos às rápidas transformações, desafios e exigências da atualidade? Muitos porém preferem a segurança da doutrina tradicional e das atividades internas da instituição, abafando a voz profética, tornando-se surdos e mudos diante do sofrimento dos excluídos. Daí surge uma tendência de uma igreja de movimentos e grupos espiritualistas, deixando de ser, cada vez mais, uma igreja de comunidades, fortemente marcada pelo conservadorismo e pelo sacramentalismo, globalizando a liturgia, a doutrina e as estruturas, priorizando uma vivência intimista, individualista da fé em detrimento de uma espiritualidade mais comprometida e comunitária, passando por cima das culturas e das diferenças dos diversos povos. É a política centralizadora do Vaticano. Alguns sinais deixam clara esta tendência, como por exemplo o Novo Catecismo da Igreja Católica, o Novo Código do Direito Canônico, a maneira como foram conduzidos o Sínodo para a África e a Conferência Latino-Americana de Santo Domingo. Entre nós igreja (padres, bispos, religiosos e leigos) existe também uma outra tendência que se apaixona intensamente pelo Projeto de Jesus Cristo, procurando se manter fiel à “Evangélica Opção Preferencial Pelos Pobres”. Sem deixar a participação interna na Igreja, fomos para a rua, nos assumindo, enquanto classe popular, fiéis às origens de Jesus, o filho do carpinteiro, buscando os mais pobres entre os pobres. Temos uma longa experiência de uma pastoral inserida na realidade do povo, da leitura popular da Bíblia, do protagonismo do leigo e principalmente do jovem empobrecido na participação nas pastorais sociais, nas organizações alternativas, nos movimentos e partidos Populares. Constatamos uma profunda crise dentro e fora da Igreja que, longe de nos desanimar, nos desafia, nos oferece uma “janela” para o novo, para a mudança. “Poderosas concentrações de ódio, como nuvens escuras tentam impedir o amanhecer, mas Deus virá como o sol” (Carlos Mesters).³⁸

A 14ª Assembleia Nacional da Pastoral da Juventude do Meio Popular acontece na Bahia, na cidade de Bom Jesus da Lapa, dos dias 22 à 25 de janeiro de 2009 com o tema “Em nossas mãos um sonho em mutirão!”. Segue o mesmo formato da assembleia de 1996 ao iniciar apresentando e contextualizando o surgimento da PJMP. Ao analisar os trechos da relatoria, nos deparamos com os discursos muito semelhantes aos que foram feitos nas primeiras assembleias, porém com o acréscimo das pautas mais atuais que envolvem os âmbitos políticos, econômicos e sociais. É feito um panorama das conquistas e derrotas ao longo dos anos da PJMP para depois localizar as problemáticas da pastoral e o que pode ser

³⁸ Relatório da 10ª Assembleia Nacional da PJMP. Disponível em:
http://pjmp.org/subsidios_arquivos/pjmp/relatorio10ANPJMP.pdf. Acesso em: 11/12/2017.

feito para melhorar, principalmente através do que é denominada contribuição dos participantes com relação à Igreja e à sociedade.

CONTRIBUIÇÕES DOS PARTICIPANTES:

Sociedade:

- Projeto político do governo – Transposição do S. Francisco, contempla apenas os interesses do agronegócio;
- Pagamento da dívida externa, indo de encontro com toda a luta já feita pelo não pagamento da dívida (divulgação por parte da rede global, valorizando o fato da dívida ter sido paga, em detrimento das dívidas sociais);
- Aumento dos milionários X aumento dos miseráveis;
- Inflação atingindo principalmente os mais pobres, com o aumento de alimentos básicos como o feijão;
- Cidades com acúmulo na periferia e sem estruturas sociais (saúde, moradia, saneamento, miséria econômica, divisão das classes sociais);
- Tráfico, aumentando a violência contra os jovens, polícia tortura e mata grande número de jovens com o consentimento do Estado;
- Crescimento da violência policial (Tropa de Elite);
- A juventude teve um papel fundamental no processo de plebiscito contra a privatização da Vale e a luta contra a transposição, dando um novo caráter nas organizações e lutas sociais - mudança na tática e estratégia;
- Luta estudantil partidarizada;
- Influência da recessão dos EUA na economia mundial (o capitalismo está aumentando sua crise);
- Perda de referências políticas anteriores (CUT, PT, UNE), surgindo outras referências;
- Fim da CPMF – luta política pelo poder;
- Poder dos meios de comunicação de massa, com a capacidade de criar e influenciar idéias;
- Papel da mídia na divulgação de grandes fenômenos (febre amarela, transposição, violência); discussão da economia mundial - Mídia normalizou a questão da morte, da miséria;
- Na América Latina, também há um momento de conflitos acirrados com relação à questão do poder, tendo a mídia um papel de influência na construção de um ideário equivocado;
- Papel político do STF;
- Ações do governo (incentivo ao biocombustível);

Igreja:

- Papel de dom Luis Cappio diante da situação (social, ambiental) da transposição do Rio São Francisco;
- Posicionamento da CNBB (vaticano contra, dizendo que a igreja não faz política) – o grande foco foi o jejum de dom Luiz não se posicionou com relação à questão política do São Francisco;
- Forte hierarquização - mudança na estrutura organizativa;
- Diminuição da proposta libertadora;
- Forma de celebrar pouco atrativa – não celebra a vida;
- Volta da celebração em latim – autorizado pelo papa;
- Manter viva opção de luta pelo cristianismo libertador;
- Crescimento dos movimentos pentecostais;
- Necessidade de fazer um trabalho pastoral conjunto;

- Nossa história é cíclica. É bom estudar a Igreja nos anos 70. Além de visualizar: **Onde temos apoio da Igreja? Quem são os parceiros que apóiam a PJMP?**³⁹

4. A POSTURA POLÍTICA *VERSUS* A DIFERENÇA DOCTRINÁRIA

Neste quarto e capítulo a proposta é problematizar a PJMP num sentido amplo no interior do catolicismo, buscando identificar se em relação às doutrinas católicas são iguais a outros grupos católicos de mesma confissão, mas que podem ser de posturas políticas diferentes. Para isso, recorreremos ao teólogo e filósofo alemão Rudolf Otto, que observa o contraste entre os elementos racionais e não racionais no universo religioso. Quando observamos a oração oficial da PJMP, por exemplo, podemos entender essa diferenciação:

(...) Senhor,
Do centro do nosso coração brota também uma súplica:
Ajuda-nos a ser tua presença nos sítios, arruados, aldeias,
cidades, favelas e vilas para montar nossa maloca
de alegria, de espiritualidade, de ternura e resistência
e alimentar nossa mística que nos impulsiona
a não fugir da luta em todos os cantos
para ser sinal de animação
junto a juventude do meio popular.
Amém, Axé, Awerê, Aleluia!!!

Por mais que o foco da PJMP seja de acolher e ajudar os que estão numa situação inferior economicamente e socialmente, estando ou não inseridos na Igreja Católica, o teor sagrado não é de modo algum diminuído com relação às lutas sociais. Os elementos morais e éticos ressaltados na obra de Otto que estão presentes no âmbito sagrado fazem parte do que, segunda a filosofia da religião do

³⁹ Relatoria da 14ª Assembleia Nacional da PJMP. Disponível em: <http://www.pjmp.org/subsidios>. Acesso em: 11/12/2017.

teólogo, aplica-se ao estado religioso da alma, inspirado pelas qualidades transcendentais da divindade, nomeada por ele como elemento numinoso. Ou seja, por mais que a indignação com os problemas sociais afetem os membros da PJMP, o amor, a resignação e a dependência são intensas na vivência da experiência religiosa. Nos próprios objetivos da PJMP não ficam dúvidas de que a Pastoral quer auxiliar os marginalizados pelo sistema capitalista, mas sem deixar de evangelizar, acarretando numa existência religiosa na esfera pública. Para o historiador romeno Mircea Eliade, a superioridade do sagrado ultrapassa a vida comum do homem, tornando os espaços profanos em espaços sem sentido, ou seja, no caso da PJMP, a salvação daqueles que estão à margem nos espaços profanos, seria de encontrar vida e comunhão no espaço sagrado, pois ele é eterno.

Dentre as religiões, Rudolf Otto destaca o cristianismo como a detentora de uma numinosidade maior que outras manifestações religiosas, principalmente devido ao diálogo do racional e do não-racional e da necessidade de reconciliação e remissão dos pecados para manter o bom relacionamento com o sagrado. Mas de que forma e até que ponto devemos separar totalmente o racional do emocional? Esse questionamento torna-se necessário, pois a religião deve ser compreendida por si mesma, e em muitos casos, é a única manifestação de realidade do crente, tornando aquilo que aparentemente seria somente sentimento, em racionalidade. O não-racional no religioso não deve tirar a credibilidade e nem desaparecer com o racional nessas manifestações. No caso da Pastoral da Juventude do Meio Popular, dentre os diversos artigos e textos de opinião publicados no site, por mais que haja um apelo ao sentimento, muitos utilizam da racionalidade, filósofos, escritos renomados para pautar suas falas e justificar seus argumentos. E, nesse processo que Otto nomeia como evolutivo, não há apropriação de um pelo outro, há sim substituição de um pelo outro ou adequação de um ao outro – num equilíbrio, ligados, mas não associados.

Essa diferenciação entre o que é identidade militante e o que é do âmbito cristão também aparece na análise de Mairon Escorsi Valério⁴⁰ ao utilizar o conceito de pares assimétricos ao comparar a chamada igreja oficial e a igreja

⁴⁰ VALÉRIO, Mairon Escorsi. A historiografia da teologia da libertação na América Latina e a questão dos pares assimétricos. *FRONTEIRAS: Revista de História*, v. 14, n. 25, p. 161-181, 2013.

militante/popular. Para Valério, aqueles que criticam e refutam a presença da teologia da libertação na Igreja católica não podem ser simplesmente estereotipados como conservadores e fomentadores do sistema capitalista, pois poderiam utilizar de outros meios para derrubar esse sistema, mas que não fossem de encontro com os ideais e doutrinas católicas, assim como apesar da TL estar ligada aos ideais de esquerda marxistas por toda a América Latina, os desafios e obstáculos da especificidade da prática cristã. Na vivência da PJMP isso não é diferente. Apesar de toda a ideologia que permeia o socialismo, a preocupação em como a religiosidade estava sendo vivida não foi de maneira alguma deixada de lado, inclusive ocorre o oposto, a forma como o catolicismo está sendo vivenciado os incomoda ao ponto de lutar para que suas angústias e reivindicações sejam ouvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observar a religião e a política se entrelaçando exigiu um olhar atento aos modelos de fé e de militância utilizados pela Pastoral da Juventude do Meio Popular. Embora a Teologia da Libertação, as Comunidades Eclesiais de Base e a militância católica tenham atribuído um caráter de esquerda aos movimentos sociais que acontecem dentro da Igreja, a Pastoral da Juventude do Meio Popular não deixa de ser um movimento católico. Todas as lutas e todas as pautas da PJMP são de cunho social e que em algum momento do seu desenvolvimento buscam a igualdade, os direitos às minorias de uma forma justa, porém são carregadas de um caráter messiânico e de libertação que só acontece através da palavra de Deus e pela vida de Jesus Cristo.

Assim como percebemos ao longo da pesquisa, o regime ditatorial instaurado nos países latinoamericanos resultou num sentimento de união entre os grupos militantes, sejam eles sociais, políticos ou religiosos em torno de um único inimigo, porém após o fim da mesma a estruturação da mesma acaba sofrendo com um desvio de foco sobre o verdadeiro sentido da missão da PJMP e levando aos seus membros a tentar buscar um denominador comum capaz de uni-los em torno de uma causa que faça sentido, mas que não perca o caráter religioso.

Então nesse momento o capitalismo é evidenciado como um sistema que oprime, segrega e transforma a forma de trabalho em um meio desigual, necessitando assim da libertação desses trabalhadores, muitas vezes elencado pelos teólogos à analogia do êxodo do Egito, mas que só irá acontecer com a derrubada do sistema capitalista e através da luta por uma sociedade cada vez mais igualitária, que se aproxima muito do ideal marxista e do modelo ideológico do socialismo, mas que em nenhum momento exclui a pauta de luta católica.

A Pastoral da Juventude do Meio Popular acaba encontrando dentro da Igreja Católica figuras de autoridades que acabam lutando contra a aproximação com a teoria marxista, dificultando assim uma maior atuação da PJMP dentro da religião, como acontece atualmente com a maioria dos grupos e movimentos católicos que envolvem adolescentes e jovens, que não se dedicam de uma forma tão ativa as

formas de atuar socialmente e politicamente, como acontecia no início das pastorais e das CEBs, valorizando cada vez mais o olhar religioso e de catequese desses grupos, como é o caso da própria Renovação Carismática Católica – RCC, os grupos de oração e as células que estão cada vez mais disseminadas como formato de viver a religiosidade, o que não é exclusividade da Igreja Católica, pois diversas igrejas evangélicas acabam utilizando essa metodologia, mas que não carregam um caráter de militância nos moldes da esquerda católica entre as décadas de 1950 e 1990, tanto que os próprios militantes da pastoral da juventude hoje encontram certa resistência das autoridades religiosas e de outros grupos de jovens, inclusive uma própria disputa de espaço dentro das comunidades e paróquias, como podemos observar nas relatorias das assembleias da pastoral apresentados nos capítulos. Isso ocorre devido ao jovem não se enxergar mais o próprio sistema capitalista como um elemento que necessita ser combatido, como acontecia com a ditadura militar, que não era só visto como o mal que precisava ser combatido pelos católicos de esquerda, mas também por outros grupos de militância, que envolvia os pobres, as mulheres, os operários, entre tantos outros grupos que sofreram com a repressão.

Com relação ao que concluo analisando a PJMP como articuladora e parte da igreja que busca cumprir a história da salvação e da libertação através de Cristo é que essa visão de uma Igreja que serve ao povo e deve ser por isso uma Igreja Popular é muito mais complexa e for pensar na forma de divisão que é feita de direita e esquerda católica e em como o discurso marxista é utilizado de formas diferentes dependendo da estrutura a ser defendida, tanto que no momento em que as revoluções na América Latina da década de 1970 começam a declinar, a TL volta seu olhar para o âmbito religioso, baseado em nomes como o Leonardo Boff, e a partir desse momento o uso da imagem bíblica do exílio, do cativo, da necessidade de libertação em busca de um modelo horizontal – o que a PJMP também defende – emerge com mais força.

FONTES

Disponíveis no website da Pastoral da Juventude do Meio Popular:

Relatoria da 14ª Assembleia Nacional da PJMP.

Relatório da 10ª Assembleia Nacional da PJMP.

A contribuição da PJMP para a transformação da Igreja, da sociedade e do homem.
In: O objetivo da Pastoral da Juventude

História da PJMP

Espiritualidade e Mística do Meio Popular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAUDEL, Fernand. A longa duração. História e ciências sociais. 1986.

BELLOTTI, Karina Kosicki; SILVA, Eliane Moura & CAMPOS, Leonildo Silveira (orgs.). *Religião e Sociedade na América Latina*. SP: Ed. Umesp, 2010.

DA SILVA, Wellington Teodoro. Esquerda católica brasileira: excerto. Revista do Núcleo de Estudos de Religião e Sociedade (NURES). ISSN 1981-156X, n. 18, 2011.

DE ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro. A atualidade da doutrina social da Igreja e a teologia da libertação. *Perspectiva Teológica*, v. 23, n. 60, 2011.

EINSTEIN, Mara. Religião, Mídia e Marketing. In: *A Religião na Mídia, e a Mídia na Religião*. 2012.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação-Perspectivas*. Edicoes Loyola, 2000.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª edição, Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JUNIOR, Francisco De Aquino. Atualidade da teologia da libertação. *Theologica Xaveriana*, v. 61, n. 172, p. 397-422, 2011.

LESBAUPIN, Ivo; PALÁCIO, Carlos. *Igreja--movimentos populares: política no Brasil*. Edições Loyola, 1983.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Religião, cultura e política. *Religião & Sociedade*, v. 32, n. 2, p. 29-56, 2012.

MARIZ, Cecília L. A Renovação Carismática Católica: uma igreja dentro da Igreja?. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, v. 3, n. 1, p. 169-186, 2007.

MATA, Sérgio da. *História & Religião*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
155p.

MENEZES NETO, Antonio Julio. A Igreja Católica e os Movimentos Sociais do Campo: a Teologia da Libertação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. *Caderno CRH*, v. 20, n. 50, 2007.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: um estudo do elemento não-racional na idéia do divino e a sua relação com o racional*. (tradução: Prócoro Velasquez Filho). São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto; DE CASTRO MENEZES, Renata. *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas*. Editora Vozes, 2009.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *Comunidades Eclesiais de Base: Bases Teológicas*. Ed. Vozes. Rio de Janeiro. 1988.

VALÉRIO, Mairon Escorsi. A historiografia da teologia da libertação na América Latina e a questão dos pares assimétricos. *FRONTEIRAS: Revista de História*, v. 14, n. 25, p. 161-181, 2013.